

Notas e informações

Saney

O discurso do triunfo

Respalado, como afirmou, por 85% da opinião pública, o presidente José Sarney permitiu-se fazer pela televisão discurso em que a tônica, mais do que o otimismo, é o triunfo. Ter-se-ia a impressão, ouvindo sua fala, de que as soluções para problemas decenais, quando não seculares, foram encontradas; que a máquina administrativa funciona apesar das más heranças recebidas do passado; que não há questões fundamentais na área internacional que devam ser trazidas ao conhecimento do público para que sobre elas medite.

Da mesma maneira que governar é escolher, existe uma escolha racional na forma de apresentar-se ao público. Ao preferir o tom intimista, solicitando ao ouvinte e ao espectador que se colocasse em seu lugar na dramática madrugada de 15 de março, o presidente da República escolheu um dos vários caminhos que se abriam à sua frente, igualmente partindo do marco da responsabilidade e igualmente terminando na confiança plena no futuro do País. Resta saber se, ao eleger palmilhar a trilha pavimentada de cor-de-rosa da certeza, da afirmação de que a área externa está tranqüila, s. exa. não teria escolhido o caminho que mais obstáculos poderá ter à sua frente se qualquer dos fatores que compõem hoje seu triunfo deixar de ser atuante na realidade, dentro de alguns meses.

É investimento político de alto risco afirmar peremptoriamente que a estrada da recessão não será mais percorrida pelo País. Em 1980, igualmente se verificou crescimento surpreendente da economia e, logo em seguida, mergulhou-se em profunda recessão da qual se tem a ilusão de estar saindo agora. Ora, quando os fatores condicionantes da queda dos negócios escapam ao controle do governo, pois se situam em tabuleiro no qual o Brasil é apenas uma das peças, o mais correto seria alertar para os perigos que podem estar à frente — e dizer,

depois, “vencemos” — do que dá-los por não existentes e não saber explicar mais tarde como as coisas aconteceram. Não é justo para com o povo brasileiro dar a entender que não há mais problemas financeiros com o Exterior, quando ainda não se sabe ao certo se o *Federal Reserve Board* aceitará ou não o que se chamou de plano Baker, dando aos bancos norte-americanos a certeza de poder rolar tranqüilamente a dívida brasileira e aos europeus algum tipo de garantia. Enquanto faltar essa definição, e enquanto persistir o risco de em janeiro próximo não se renovarem os créditos comerciais e interbancários, o melhor é dizer a verdade, nada mais do que a verdade.

Ao decidir que semanalmente terá uma “conversa ao pé do rádio” com a população de baixa renda, o presidente Sarney escolheu o público para o qual dirigirá daqui para a frente as suas mensagens. Por isso, o tom do discurso no horário nobre poderá ter causado má impressão a muitos; é que não foi feito para os que têm o dever de formar a opinião pública, nem para os que estão na mira do ministro da Fazenda, por ganhar altos salários. O presidente dirigia-se à grande massa, possivelmente não atenta à sua fala, mas ainda assim capaz de entender a linguagem simples, o tom humilde, quase desculpado, o calor da esperança — sobretudo o combate aos tecnocratas e aos arautos da recessão e do desemprego.

Pela segunda vez, quer-nos parecer, o chefe do governo alude às ameaças que se lhe fizeram; o contexto de sua fala deixa claro, no entanto, que não se tratou disso, mas de conclusões a tirar das medidas financeiras sugeridas, as quais concorreriam para resultados ameaçadores ao prestígio popular do presidente se tivessem sido adotadas. Como, porém, a qualificação não foi feita no discurso, se vai criando aos poucos a impressão de que se travou em palácio

surda luta entre os que defendiam a recessão e a subordinação da política brasileira às comissões de investigação do FMI e aqueles que negavam entrada às comissões e queriam o desenvolvimento. De um lado, os amigos do povo; de outro, os adversários da soberania nacional. É mau dividir nesses termos os brasileiros; apenas serve para acirrar ódios e despertar antigas quízzas, além de em nada contribuir para que o debate sobre a crise externa — que ela existe, é preciso que se diga — seja um debate racional.

Um defeito que se pode apontar no discurso presidencial é que o chefe do governo, aludindo à pesada herança administrativa do passado, não indicou caminhos para sair dela. Há outro, porém: s. exa. deu a sensação de que o clima de liberdade de que se desfruta no Brasil — inegável — é consequência de sua política; que o progresso industrial decorre de sua decisão; que a harmonia no governo (?) vem de sua determinação. Esse tipo de discurso serve para criar lideranças pessoais e populistas; não auxilia a equação dos graves problemas do País. Mais delicado ainda se torna esse tipo de proposição quando o sr. José Sarney afirma que o governo teve de sofrer a pressão de 500 greves. Ora, não foram elas dirigidas contra o governo, nem contra o presidente (“Não me foi dada uma trégua sequer”): foram feitas e dirigidas contra os empresários, esses sim, que não tiveram trégua e às vezes nem mesmo proteção das autoridades, e assim mesmo continuaram a produzir.

É sempre perigoso atribuir a si as virtudes do comportamento dos cidadãos. Especialmente quando se cita mal Maquiavel, esquecendo-se de que, no mesmo capítulo de *O Príncipe*, o Secretário Florentino aconselhava os dirigentes a tomar cuidado com a má aplicação da piedade, pois pode conduzir à destruição do Estado.